

Ao final, em “A matemática do ensino mútuo no Brasil”, Wagner Rodrigues Valente traça um panorama do ensino de matemática nas escolas de ensino mútuo durante o século XIX. Enfoca de maneira bastante rica aspectos da prática pedagógica, por meio do livro *Casa grande e senzala* de Gilberto Freire e do *Compêndio de Arithmética composto para o uso das Escolas Primárias do Brasil* de Cândido Baptista de Oliveira.

Enfim, *A escola elementar no século XIX* é certamente um marco nos estudos sobre a história das práticas pedagógicas na escola elementar brasileira do século XIX. Vem, em boa hora, ao encontro da necessidade de investigar a circulação e apropriação das idéias e modelos educacionais no campo pedagógico.

Claudia Panizzolo Batista da Silva
Mestranda do programa de Educação: História,
Política, Sociedade da PUC-SP

Nostalgia do mestre artesão

autor	Antonio Santoni Rugiu
cidade	Campinas
editora	Autores Associados
ano	1999

A idéia de artesanato que se projeta em nosso imaginário, hoje, está bastante distante das escuras e barulhentas oficinas da Idade Média. Os artesãos modernos reúnem-se em praças públicas, onde confeccionam e expõem seus trabalhos aos olhos de passantes curiosos de encontrar, ainda hoje, um trabalho que é – pasmem! – feito a mão. Para paladares mais sofisticados, existem também as lojas típicas para turistas, em grandes *shoppings centers* ou aeroportos, onde se podem adquirir peças artesanais e resgatar uma época em que o homem, dono do seu tempo e conhecedor de todo o processo de produção em seu ofício, podia reconhecer-se e ser reconhecido nos objetos que lhes saíam das hábeis mãos. Entretanto, ao nos afastarmos das praças e das prateleiras, percebemos que quase nada sabemos sobre o caráter e o significado histórico do

artesanato e talvez poucos consigam ver que, nas peças artesanais, repousa, latente, o gérmen do fenómeno educativo.

Antonio Santoni Rugiu insere-se neste seletto grupo, ao buscar nas origens do trabalho artesanal as raízes da história da pedagogia e da educação, trazendo à luz, em sua obra *Nostalgia do mestre artesão*, este aspecto ainda pouco conhecido, especialmente por nós, brasileiros, mas de extrema relevância para a compreensão do desenvolvimento histórico da educação, principalmente no que tange à sua essência: a importância formativa do artesanato – não somente na produção, mas na cultura e na educação.

O professor italiano nos faz atentar para o fato de que o trabalho artesanal é uma tradição que se mantém graças à pedagogia do *aprender fazendo*, transmitida, de modo geral, de pai para filho ou de mestre para aprendiz ou, ainda, através de escolas organizadas e mantidas por cooperativas ou associações de artesãos. Nesse sentido, segundo o autor, o valor pedagógico das Corporações de Artes e Ofícios constituiu-se, tanto no plano ideológico quanto no plano concreto, em “uma revolução pedagógica tão sensível quanto pouco considerada pelos historiadores da cultura” (p. 49).

Na tentativa de reverter esse quadro, o livro de Antonio Santoni Rugiu vai, num primeiro momento, percorrer os séculos atrás do que ele chama fio invisível – mas nem por isso menos perceptível – da formação artesanal que se manifesta em inovadores pedagógicos como Locke, Rousseau, Pestalozzi, Froebel e Dewey, entre outros. Aos olhos do autor, tais educadores seriam a um só tempo modernos e nostálgicos, pois apesar de suas posições implacáveis em relação aos modelos educativos do passado, era para lá que se voltavam quando pressentiam as transformações que se avizinham. Ao asseverarem, cada qual a seu modo, o primado pedagógico da experiência pessoal ativa, estariam, na verdade, ressuscitando o *aprender fazendo* — ideal pedagógico das Corporações. Assim, identificar a experiência artesanal como valor pedagógico “primário e quase insubstituível” (p. 12) seria uma maneira de recuperar a figura tradicional do mestre artesão, “emblema de um sistema formativo comprovado” (p. 13), que se irá desvanecendo à medida que o sistema fabril começa a ganhar força, eliminando gradualmente os “resíduos de vitalidade do associacionismo corporativo e, portanto, também de suas formas reprodutivas” (p. 129).

Ao longo dos capítulos, Santoni Rugiu leva-nos a um passeio pelo interior das oficinas artesanais, durante o qual nos vai desvelando minuciosamente seu cotidiano: suas regras de funcionamento interno, com sua rígida hierarquia e disciplina, e a divisão do trabalho; a relação entre mestre e aprendiz – praticamente uma extensão da relação entre pai e filho – e os rituais iniciáticos que cercavam o conjunto do tirocínio artesão e o envolviam, como a um fazer secreto, numa aura de magia e mistério; e, ainda, as metodologias didático-pedagógicas lá empregadas.

A partir de suas preciosas informações, entramos em contato com a pedagogia dessas oficinas, que se desenvolvia por meio de um longo exercício de observação e prática, de modo que a parte verbal – oral ou escrita – era praticamente inexistente. Da mesma forma eram quase inexistentes as fronteiras entre vida profissional e privada, uma vez que o aprendiz, muitas vezes hospedado na casa de seu mestre, via seu tempo livre tornar-se também tempo de aprender. Sua formação “não ocorria só na atividade de oficina, mas também no clima e nas experiências da comunidade doméstica” (p. 41) e, mesmo que a jornada de trabalho tomasse quase todo o dia, sempre restariam “espaços significativos na família hospedeira e nas relações com o ambiente externo” (p. 41), que propiciassem um aprendizado, mesmo que esse fosse uma experiência de socialização, não menos importante que o aprendizado técnico, frisa Santoni Rugiu.

É a esta pedagogia, vale assinalar, que a nostalgia presente no título do livro se refere. Uma pedagogia cujo “aspecto da disciplina da personalidade e do adestramento para comportamentos determinados para os diferentes momentos da vida, prevalecia sobre o aprendizado intelectual e cognitivo” (p. 77). Ela não apenas capacitava os aprendizes para exercerem seu ofício, como também inculcia neles uma formação moral e um senso de pertencer a um corpo social reconhecido – que não existirá mais nas manufaturas onde o trabalhador parcial, privado de sua formação, irá se tornando apenas um complemento das máquinas. Educar constituía-se numa ação cujo sentido era muito mais amplo do que o termo ainda viria a assumir.

Entretanto, embora essa tenha sido, por muitos séculos, a maneira de formar as novas gerações que se dedicavam ao trabalho manual – mais uma contingência do que uma escolha, dado que o

trabalho intelectual era direito concedido a uma minoria – ela foi sendo substituída pela noção oposta de que “a verdadeira educação e a verdadeira instrução são unicamente aquelas que se assimilam através do exercício e do aprendizado intelectual, estudando-se os livros e escutando-se a voz do mestre, nas carteiras das escolas ou da universidade, e não sujando as mãos” (Prefácio ao leitor de *Língua Portuguesa*) nas oficinas. Essa noção de cunho aristocrático, somada a outros fatores como o desenvolvimento do setor terciário e o crescimento desenfreado do consumo impulsionado pela indústria, contribuirá para que a atitude pedagógica do artesão vá se enfraquecendo, de modo que a cultura artesanal torne-se cada vez mais desvalorizada, culminando com o colapso das Corporações e suas formas reprodutivas no final do século XVIII.

Entendemos que cada época tem uma idéia própria a respeito do que seja instrução, bem como a maneira mais apropriada de realizá-la e, por isso, seria esperado que novos tempos trouxessem necessidades outras, às quais os homens precisariam se adaptar: afinal novos ofícios impõem a criação de novos saberes e estimulam o surgimento de novas metodologias pedagógico-didáticas. Porém, as transformações que se impuseram terminaram por banir para as margens da história da educação a pedagogia artesã e a tradição do *aprender fazendo*, considerando-as artes menores. Esses novos tempos exigiam uma outra maneira de educar, cuja ideologia pautava-se, agora, por princípios que poderiam ser resumidos na máxima “tempo é dinheiro”, na economia de mercado, na valorização do indivíduo (em oposição ao coletivo), cujos dons naturais como iniciativa, vontade, criatividade, perspicácia, honestidade devem ser exaltados em detrimento daqueles adquiridos por meio do tirocínio artesão. É um prenúncio da hegemonia liberal que estava, então, se configurando.

O fato de as Corporações de Artes e Ofícios terem encontrado seu ocaso, em nada diminui o valor formativo do artesanato e sua importância histórica, que vão, aliás, fortalecendo-se de modo incontestável à medida que avançamos na leitura. Tão inegável ele se revela na educação moderna que nos percebemos intrigados com algumas questões: por que o trabalho artesanal foi, durante tanto tempo, relegado a um segundo plano ou mesmo ao esquecimento, quando se pensa nas histórias da educação e da pedagogia? Por que

razão essas histórias nunca abordaram o artesanato e sua eficácia formativa? A chave para se responder a essas questões, crê Santoni Rugiu, reside no fato de que essa historiografia ainda está submissa à tradicional e rançosa idéia de que a educação, para ser válida, deve ser formal e vir dos livros e do exercício puramente intelectual.

Devemos lembrar que esse menosprezo que a pedagogia do *aprender fazendo* encontra junto ao saber oficial é quase tão antigo quanto sua própria prática e assenta-se sobre a distinção entre o “saber falar e raciocinar” e o “saber fazer”, habilidades equidistantes, intrinsecamente relacionadas ao tipo de homem que as detinha: o homem livre da necessidade de trabalhar com as mãos para viver e aquele que só a elas devia seu sustento, não podendo delas prescindir – circunstância que o colocava numa posição social claramente inferior.

Resgatar o trabalho artesanal e seu valor de formação para o fenômeno educativo é revalorizar o homem, enxergá-lo como um todo. Num momento histórico tão avesso quanto o nosso à noção de totalidade e de coletividade, Santoni Rugiu, ao redimensionar a atividade artesã, dá um passo importante nessa direção.

Dentre as tantas qualidades deste livro, é necessário apontar, ainda, a interessante introdução do Professor Dermeval Saviani, que contribui para enriquecer o conjunto da obra. Não posso me furtar, contudo, a uma ressalva em relação ao texto de *Nostalgia do mestre artesão*: o trabalho de revisão e editoração dos originais deixou muito a desejar, pois não raro o leitor é pego por erros ortográficos graves que, devido à sua insistência, acabam por incomodar. Uma obra dessa importância para a história da educação mereceria um maior cuidado, principalmente por se tratar de uma editora séria, cujos trabalhos vêm fomentando o cenário dos debates educacionais.

Ana Elisa de Arruda Penteado
Mestranda do Programa de Pós-graduação
em Educação da UNICAMP